

# 2023 06 10 Estudo de Aprofundamento | Sutra Vajra Prajna Paramita – Sutra do Diamante #04

- 
- [Editar](#)
- [Observar](#)
- [Mais](#)

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

*Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com).*

Estudo de Aprofundamento | Sutra Vajra Prajna Paramita – Sutra do Diamante #04

Lama Padma Samten

CEBB Caminho do Meio, 10/06/2023

<https://acaoparamita.com.br/aprofundamento-sutra-vajra-prajna-paramita-sutra-do-diamante/>

Transcrição: Ivandro Cardoso 10/06/23, Gabriela Cardoso 16/06/23

Revisão: Luis Felipe Villas Boas, 20/07/2023

## Introdução

Hoje vou lembrar um pouco os outros estudos que fizemos, para deixar bem viva a linguagem, que é mais fácil para depois utilizarmos, para compreender e comentar essas várias partes do Sutra do Diamante. Andamos estudando as oito consciências. Nós vimos como que as oito consciências se relacionam com os três corpos da iluminação, com os quatro corpos e, também, como isso se relaciona com as cinco sabedorias.

Vou fazer um comentário sobre isso e, também, como é que se relaciona com a originação dependente e, enfim, como isso se relaciona com a manifestação de corpo. Vou fazer um paralelo que conecta com as seis perfeições. E assim, temos uma base mais fácil para poder entender a linguagem, para poder acessar esses vários ensinamentos que o mestre está trazendo, os vários comentários que ele está trazendo.

## Oito Consciências

A compreensão das oito consciências vem da contemplação que brota por prajna, ou seja, as oito consciências não são teoria. Elas são um processo pelo qual a mente observa o que ela mesma faz. Então, nós vamos perceber que operamos com olhos, ouvidos, nariz, língua e tato, que é fácil de ver. E essa operação vem pela

sexta consciência. Por exemplo, nós, a partir dos estímulos de olhos ou de ouvidos etc. geramos os cinco elementos, como está descrito bem no Sutra do Surangama.

Essencialmente, entendendo o primeiro elemento, o elemento terra, compreendemos como que a originação dependente se manifesta. Ou seja, algo que surge aos olhos, aos ouvidos etc. Tomamos aquilo como uma base para produzir sequências mentais. A sequência subsequente vira um elemento firme, ou seja, um referencial para outra extensão e assim por diante. Isso é a originação dependente. Nossa mente, como o Buda diz, é regida pela originação dependente. Como o próprio Buda disse, entendendo a originação dependente, entendemos a mente búdica, porque esse aspecto é muito profundo, ou seja, nós tomamos um referencial e luminosamente criamos um significado. Esse é um ponto crucial para entendermos como que a mente vagueia.

Quando estamos, por exemplo, meditando, é natural que a pessoa, de repente, se perca na prática. Quando ela vê, ela fez muitas sequências de pensamento. A sequência de pensamentos não tem uma substancialidade, mas aquilo é um exemplo perfeito da originação dependente. E quando nós andamos por aqui, por ali, os mundos que vamos construindo, todos eles, são desse tipo. Tomamos algo por base e criamos elementos subsequentes. Isso funciona assim por todo lado. Assim, no mundo sério, no mundo não sério, nas artes, funciona por todo lado.

E assim, não apenas os seres humanos operam desse modo, mas todos os seres operam desse modo. Explicamos assim as pinturas, o cinema, as fotografias, todos os objetos de arte, tudo surge desse modo e as realidades diante de nós também surgem assim. As realidades que a ciência determina ou encontra vão mudando porque a base da nossa mente vai mudando aquilo. Nós vamos olhando de outro modo. São sempre ações da originação dependente. Essas ações da originação dependente, são as ações da consciência. Precisamos entender o que vamos usar como significado para a palavra consciência. Esse é um ponto muito, muito, muito importante para nós, porque é esse aspecto da consciência que vai nos ajudar em todos os momentos que tivermos, vivendo ou morrendo.

Nos cinco bardos, a compreensão da operação da consciência é um ponto crucial, porque, ainda que aquilo que a consciência produza se transforme, a própria consciência não se transforma. A nossa capacidade de reconhecer a operação da consciência é uma chave para ultrapassarmos os bardos. Aquilo que nós estamos ouvindo aqui, não ouvimos o som, ouvimos o significado direto.

O que produz o significado é justamente a ação da consciência. A consciência escuta sons, produz significados. A consciência vê luzes e produz significados e assim por diante. É justamente esse fato de que olhos, ouvidos, nariz, língua, tato, produzam e surjam como aparências, é que percebemos a consciência.

Durante um longo tempo, vamos estudando como que a consciência se engana e depois se engana de novo. Como ela constrói assim, constrói de outro modo. Como é que aquilo que vimos, agora muda. Entendemos também como que as coisas, enfim, são impermanentes, porque nós olhamos para elas de um jeito e depois podemos olhar de outro jeito. Nós olhamos para nós mesmos de um jeito e depois podemos olhar de outro jeito. Vamos entendendo a partir disso, como que

podemos mudar. Como que o sofrimento surge quando nós olhamos de um jeito, como aquilo que pode ser visto de outro modo, que nós temos espaços para transformar a nossa experiência. Vamos percebendo isso.

Essa percepção vai trazendo a noção de vacuidade, luminosidade. Luminosidade, no sentido que as coisas aparecem. Vacuidade, no sentido de que aquilo que aparece por luminosidade, não tem uma substancialidade maior, a não ser esse fato mesmo luminoso.

Estudamos como diferentes seres em conjunto, podem ter experiência semelhante, que pode surgir uma linguagem, que consolida aquilo como se aquilo fosse uma realidade palpável, verdadeira, permanente. Nós vamos estudando isso.

Mas, um ponto importante a entender, é que a consciência não é algo que constata, mas é algo que constrói luminosamente. Esse aspecto é um aspecto importante.

Vemos a sexta consciência como aquela que é inseparável de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. E o Buda mostra no Surangama como a consciência associada aos olhos não está separada da consciência associada aos ouvidos e não está separado das outras consciências. Quando nós olhamos um objeto como um sino, batemos, não deixamos o som separado da visão. Olhamos aqui e juntamos tudo. O sino que estou ouvindo e estou vendo, mas se as consciências fossem separadas, teria uma dificuldade de fazer isso.

Então, o Buda mostra como as várias consciências operam juntas na sexta consciência, que é a consciência mental. A partir dessa consciência mental, crio eventos e crio sequências por origem dependente. Ele explica isso perfeitamente. Mas, surge uma questão importante que é: como é que surge uma coerência para a ação da origem dependente? Como que nós estamos fazendo uma sequência, por exemplo, estamos dirigindo o carro daqui a Porto Alegre? Como que surge uma sequência dentro disso, que terminamos chegando em Porto Alegre? Como é que fazemos um trajeto? Então, surge a sétima consciência, que é uma consciência que assessora a sexta, que está criando as coisas, mas a sétima é algo que dá uma coerência para aquelas ações todas. Por exemplo, a pessoa parte do dia, usa de um jeito, outra parte usa de outro jeito, depois de outro jeito. A pessoa vai usando também parte da sua vida, usa para fazer uma coisa, outra parte para outra coisa. Parte do ano de um jeito, parte do ano de outro jeito...

Nós podemos definir que existem regiões de ações onde há coerência de um certo tipo. Podemos dizer: em um certo horário estou indo para Porto Alegre, em um certo horário estou voltando. Isso para pessoa que trabalha em Porto Alegre. Isto está desaparecendo. Ainda assim, as pessoas saem de casa. E por que elas não se deslocam daqui para lá?

Tem uma certa hora que elas se deslocam de lá para cá? Como é que é isso? Alguma lei da natureza? Então, isso é uma alteração do processo. A pessoa vai explicar. É assim. Eu tenho que ir para o trabalho. Agora preciso voltar para casa. Simples. A pessoa explica\*\*. eu preciso ir para o trabalho, eu preciso voltar. Então, tem um eu. Esse eu é a sétima consciência. Ele dá uma coerência para o funcionamento. Mas se procurarmos com cuidado, o que tem ali dentro de eu? Tem apenas o

conjunto dos referenciais que faz com que movimentemos as ações de originação dependente de um jeito ou de outro e, também, que coloquemos os sentidos para aquilo que é visto, etc.

A forma como a consciência olha as coisas, varia de acordo com a sexta consciência. A sexta consciência está referenciada à sétima. Tudo ganha sentido, significado, direção, movimento, energia, a partir da sétima consciência. A sétima consciência fica um pouco obscura, porque ela não é propriamente o pensamento, ela é uma base que opera no pensamento. Vamos supor, nós estamos jogando um jogo de tabuleiro, a sexta consciência é que joga, mas a sétima consciência é que dá uma coerência para aquilo, porque a sétima consciência é o sentimento de que a pessoa é um jogador e tem um propósito.

Mas aquilo não entra no raciocínio da sexta consciência. A sexta consciência não pensa: será que eu sou mesmo o jogador? Ou não sou? Ela não pensa isso. Ela simplesmente joga o jogo, porque tem a base segura da sétima consciência, de que aquilo está andando direito. E a sétima, por sua vez, depende, e nós descobrimos por que que a sétima consciência muda para um jeito, depois muda para outro jeito e depois muda para outro jeito.

*A sétima opera a partir da oitava consciência. Na oitava consciência é como se tivéssemos um mapa do que pode ser feito, uma cartografia do que pode ser feito. Nós estamos em uma região. Mais ou menos assim: os jovens decidem: vou fazer vestibular de tal coisa. Eles vão lá e começam a sua vida daquele modo.*

Dentro de um panorama muito amplo de possibilidades, as pessoas escolhem uma certa parte. Está certo que existe também a parte de não fazer o vestibular, mas já existe um mapa de possibilidades. Dentro daquilo, a pessoa se posiciona. Uma vez que ela se posicionou, surge uma identidade correspondente. Isso corresponderia assim: eu poderia jogar ou não jogar.

Eu tenho mais coisas para fazer do que jogar no tabuleiro, mas uma vez que escolhemos jogar, aí surge naturalmente a identidade **que tem junto** as regras, a compreensão, a energia e o direcionamento que serve de base para a sexta consciência elaborar as atividades. Agora vamos supor que a pessoa pense: hoje eu vou fazer um bolo.

Aquilo é uma outra coisa. Aí a pessoa tem uma demanda: vou fazer isso, vou fazer aquilo. A sexta consciência opera também, do mesmo jeito. Opera dizendo que precisa fazer, etc. Então, temos a oitava consciência, sendo que a oitava consciência parece que nos dá um espaço quando pensamos o que eu poderia fazer? Como que eu vou? Ganho um espaço.

Mas esse espaço, é um espaço dentro de um mundo. Vamos chamar de mundo. Mundo é um conjunto de opções limitadas, mas ali não parece que seja limitado. Parece que vemos até o infinito, não há limite. Então, todos os mundos, dos diversos seres, têm uma região próxima, que é inteligível, uma região um pouco mais distante, que fica menos inteligível. Eles têm um céu em algum lugar que não entendem e aquilo também não tem muita importância. Aquilo está distante. Não que desse céu também não possa surgir coisas surpreendentes que não sabemos

de onde que surgiu e explode tudo. Todos os seres que têm mundos também com céus, dentro dos céus, sempre surgem coisas surpreendentes.

Os seres têm essa operação, mas não há dentro disso uma compreensão maior. A compreensão surge até esse ponto e não há uma outra perspectiva.

Esse ponto, olhando desse modo, quando vemos o surgimento das nossas identidades, a conexão com a oitava consciência que é chamada de Alaya Vijnana, quando nós entendemos esse aspecto, entendemos que essa nossa inteligência, que está operando de um certo jeito, que parece que é a base da nossa existência, não é confiável, porque pode mudar para um lado, para o outro, andar de um jeito, de outro.

Não vamos encontrar um eu que seja estável, direito, arrumado. Não vamos encontrar isso. Esse é um ponto superimportante que está presente aqui, no sutra. Porque, por exemplo, os bodisatvas dizem: eu vou trazer benefício a todos os seres, vou liberar todos os seres e, ainda assim, não há seres a serem liberados. Esse é o ponto. Se eu pensar: vou trazer liberação a todos os seres. E os seres existem de modo tangível, real, vou ter problemas. Estou preso na ignorância.

Paradoxalmente, nós vamos operar desse modo, entendendo que não há efetivamente seres a serem liberados. Mas como que brota essa compreensão? Essa compreensão vai surgir e vai estar descrita aqui no sutra, através dos quatro nirvanas, que vou comentar daqui a pouco.

Nos ensinamentos como estudamos até recentemente, nos ensinamentos de Maitreya, vamos entender, também, com os comentários de Jamgon Kongtrul Rinpoche e do Karmapa, vamos entender que a oitava consciência, quando aprofundamos, vamos profundamente na compreensão da oitava consciência, terminamos entendendo que esse mapa de possibilidades que surge, que é o conjunto de marcas mentais que podemos acessar, marca por marca, é construído. Ele paira dentro de um espaço muito amplo, de onde aquelas marcas surgem como manifestações luminosas e, também, transitórias. E assim nós, em vez de imaginarmos que a oitava consciência, a última, reconhecemos que a oitava consciência, por sua vez, é uma manifestação de - vamos usar essa expressão - Tathagatagarbha, ou natureza última ou a grande vacuidade.

Mas, essencialmente, nós temos uma natureza que é a própria base do Prajnaparamita e nós temos esse grande vazio luminoso, de onde as múltiplas coisas podem surgir. Então, a grande diferença em relação às tradições filosóficas do realismo, filosofia natural, é que na filosofia natural, acreditamos na existência dos objetos autônomos, independentes de nós.

Já aqui nós estamos percebendo que os objetos surgem como manifestações da consciência. E essas manifestações da consciência surgem a partir das identidades e as identidades surgem a partir dessas marcas mentais da oitava consciência. Mas as marcas mentais da oitava consciência surgem de uma natureza livre e luminosa, que pode produzir e reabsorver essas marcas. E isso pode seguir mudando.

Então, o mundo dos seres humanos, como foi visto em outras eras, em outras épocas, é um mundo que não temos acesso hoje. Não conseguimos entender como é que eles operavam. Do mesmo modo, naquele tempo, eles não têm a menor ideia de como que nós operaríamos hoje.

Aqueles com uma mente muito ampla, em outro tempo, não alcançavam o que nós estamos vivendo hoje. Do mesmo modo, nós não alcançamos o que nós vamos viver em outros tempos. Então, se diz que a mente comum, ela pode, quando nós morremos, por exemplo, nós temos uma mente superampla ou quando nós sonhamos, nós temos uma mente muito ampla, mas nos nossos sonhos não conseguimos ver os reinos dos deuses, os reinos dos deuses de felicidade, ou seja, as realidades construídas num sentido muito amplo. Também, não conseguimos ver o local da própria iluminação. Nós não conseguimos ver o ventre da mãe. Não conseguimos reconhecer isso. Nossa visão é ampla, mas não temos a capacidade de estar em um ponto livre, aonde as diferentes coisas podem ser vistas.

Mas, essencialmente, nós podemos não ver os vários tipos de manifestação da oitava consciência, vemos só alguns, mas conseguimos entender a natureza primordial, natureza livre, de onde há o espaço e a luminosidade da mente, capaz de produzir as múltiplas coisas. Então, podemos entender facilmente como que esse processo progressivo se dá. Tem os referenciais que estão construídos, disso, com as escolhas, surgem as identidades. Das identidades, surge a operação da sexta consciência, que é o foco da nossa mente, que passa, junto com as consciências dos sentidos físicos, passa a dar significado e nós temos uma sensação de viver dentro de um mundo, o que inclui a própria experiência de corpo.

Nós estamos dentro disso. E as sequências mentais vêm por originação dependente, justamente pela manifestação da natureza livre e luminosa, que vai construindo significados. Essa construção nunca é livre. Ela está sempre na dependência da identidade, que é a sétima consciência e da oitava consciência. Essa compreensão, que nos permite passear por dentro disso, é a sabedoria do espelho. Na sabedoria do espelho conseguimos penetrar nas mentes dos seres. Os seres operam assim e esse é o jeito que eles operam.

A sabedoria do espelho surge e começa a se manifestar, quando ela é aprofundada, vai se manifestando como Dharmakaya, como o corpo de sabedoria, onde não há nenhum referencial específico. Isso vai ser descrito como o primeiro nirvana. O mestre Hsuan Hua vai descrever isso.

Temos essa dimensão de sabedoria do espelho, que surge também, conforme nós vamos aprofundando, como Dharmakaya.

A sétima consciência, quando nós olhamos, então, como que as identidades surgem, como que isso de fato ocorre, vemos que isso ocorre em todos os seres. Os seres têm uma natureza livre, mas eles começam a operar a partir da oitava consciência, de um certo modo, tomando certos referenciais. A referência daquela consciência, a sétima consciência, surge como o aspecto de coerência que mantém as ações de um certo jeito. Então, disso surge, o que é a chamada sabedoria da igualdade.

Ou seja, nós olhamos em todas as direções, e todos os seres estão fazendo isso, não apenas os seres humanos, mas todos os seres, independente de gênero e idade. Uns tem seis patas, quatro patas, duas patas. Eles fazem essencialmente isso. Eles constroem os mundos e se prendem dentro desses mundos e operam desse modo. Então existe uma igualdade. Isso está ligado à sabedoria da igualdade. A sabedoria da igualdade é considerada de grande importância, porque ela, ao mesmo tempo, que vê os seres manifestando a natureza búdica, que é Dharmakaya, sabedoria do espelho, todos eles têm essa dimensão transcendente, última, atemporal, ao mesmo tempo, eles têm (sem som por 3 seg)...então, adotados, eles passam a operar de um certo modo e funcionam de uma forma específica. Mas, ainda assim, a forma específica que eles operarem é uma expressão direta da natureza última. Então, todos eles têm essencialmente o mesmo tipo de funcionamento. Todos os seres têm isso. Não importa o tamanho dos seres, nós vemos que eles têm esse tipo de funcionamento.

Quando tentamos mergulhar e localizar o tamanho dessa consciência, a localização dessa consciência, que é a sétima consciência, não encontramos um lugar físico para isso. Então, isso é longamente trabalhado pelos tibetanos. Desde a abordagem do caminho do ouvinte, o Buda já olha isso. Nos textos **Pali**, isso está presente também. Então nós vamos tentando localizar onde que a consciência está.

No Surangama sutra esse é o início também. O Buda começa a perguntar para o Ananda aonde, como é que ele vê? No final, Ananda acha que ele está vendo com a mente. O Buda começa a perguntar: a mente estaria onde? Esse é um ponto importante, relevante, crucial no nosso andar, que é chegarmos à conclusão que não há propriamente uma localização para essa mente.

Nossa consciência não tem uma localização. Dentro desses ensinamentos, como nós estamos olhando no Sutra do diamante, como o próprio mestre Hsuan Hua já colocou, de saída, os seres são inseparáveis dentro dessa grande natureza. Nós não conseguimos localizar, por exemplo, na oitava consciência, na sétima consciência, não conseguimos localizar uma separatividade entre os seres. E justo por isso que é possível a sabedoria da igualdade e a sabedoria do espelho, porque a nossa mente consegue ver, não só o que nós estamos fazendo, mas o que os outros seres estão fazendo.

E isso significa que o foco da autoconsciência, que é Rigpa, pode se deslocar em qualquer lugar. A consciência, a sabedoria búdica, se desloca em qualquer lugar. Não há uma oitava consciência de uma pessoa, oitava consciência de outra pessoa, de outra pessoa. Há uma oitava consciência. Então, nós trabalhamos com essa noção, como se fosse a consciência universal e nós nos deslocamos ali dentro.

As individualidades surgem como configurações e operações dessas consciências. Elas não têm propriamente um lugar. Esse é um ponto para nós, um pouco perturbador, porque nós estamos acostumados a dividir os seres todos. E se nós estamos falando de natureza búdica, estamos pensando na natureza búdica daquela pessoa, depois da outra pessoa, tudo separado. Mas aqui nós estamos abandonando essa noção. Estamos considerando, que há uma natureza primordial, que, assopra um vento, e as múltiplas bandeiras oscilam, mas todas elas são expressões do movimento delas, a expressão do mesmo vento. Todas as folhas

oscilam, mas a expressão dessas folhas, do movimento das folhas, não é individual. É o mesmo vento que move tudo.

Então, essa consciência primordial, é como se fosse esse grande vento, que vai surgir como os múltiplos movimentos que aparecem dentro do mundo das aparências. Esse é um ponto importante também, porque nós não vamos gerar uma noção de individualidade dentro disso. Os próprios budas se dissolvem. E nós, enquanto folhas que oscilamos ao vento, vamos abandonando os aspectos particulares e vamos nos transformando, nos dissolvendo dentro dessa grande consciência.

Quando o mestre Hsuan Hua vai descrevendo os vários nirvanas, vai descrever isso também. Vai descrever o nosso surgimento sem resíduos, sem marcas mentais. Vai descrever também o nosso surgimento, a partir da compaixão pelos seres, aonde manifestamos essa compaixão para benefício dos seres. E nós podemos ter resíduos, por exemplo. Entre esses resíduos, está a sensação de existir dentro de um corpo. Podemos ser bodisatvas, que manifestam resíduos. Podemos ser também bodisatvas, que estão totalmente livres, mas mantêm o voto de compaixão inseparável da própria sabedoria, que é o aspecto mais elevado. Então isso é um nirvana específico. Esse nirvana corresponde ao fato de que não há diferença entre a compaixão e a sabedoria.

Para nós é um pouco assim, quando olhamos, parece que não é assim. Parece que compaixão é uma coisa. Sabedoria pode estar relacionada, mas é uma outra coisa. Posso ter sabedoria, mas não ter compaixão. Mas nessa visão, que é a visão de Maitreya, que nós já estudamos a partir da Natureza de Buda, o Uttaratantra Shastra, que foi o estudo que fizemos antes, vimos que a manifestação da sabedoria é, por definição, a dissolução do engano. Então, essa dissolução do engano, por definição, é a própria compaixão. Não tem diferença nenhuma entre a sabedoria e a dissolução do engano, que, enfim, é a manifestação compassiva. Está no mesmo fenômeno. Quando olhamos a energia que nos movimenta para dissolver um engano, não conseguimos distinguir essa energia da energia compassiva que socorre os seres ou socorre a nós mesmos, enquanto seres que estão presos dentro de um ambiente de ignorância.

A noção de liberação de mim mesmo e liberação dos outros seres é um voto que é inseparável do voto de clarificar totalmente as aparências e os enganos. Quando nós conseguimos clarificar parcialmente os enganos, a energia que brota disso e que movimenta isso, não conseguimos distinguir, isso é ao mesmo tempo, a energia da lucidez, e a energia da compaixão. Elas vêm juntas.

Quando estamos um pouco confusos, por vezes, vemos isso aparecer como se fossem coisas diferentes. Tem alguém com uma dificuldade, olhamos e vemos que a pessoa não precisava ter aquela dificuldade. Temos o impulso para ir lá e ajudar a resolver aquilo. Mas ela parece duas, duas coisas. Mas o fato de que sabemos como resolver aquilo, movimenta um impulso em nós. Vemos um inseto, por exemplo, se debatendo dentro da água. Um cachorro querendo sair da água. Ele está em um barranco, não consegue. Temos um impulso natural de ir lá e tirar.



De fato, a compaixão e a sabedoria estão juntas. Estão totalmente juntas e isso é a base do Mahayana. No Mahayana vamos seguindo o caminho da compaixão, no sentido de ultrapassarmos o sofrimento e ajudarmos os outros a ultrapassar o sofrimento. Mas isso é, em si mesmo, a busca da lucidez que nos libera e libera os outros.

Esse processo vai terminar caracterizando um a um os nirvanas que o mestre Hsuan Hua comenta e trás. Nós olhamos a oitava consciência, que se transforma, aprofundada. Olhando com um olhar de profundidade, vemos a sabedoria do espelho. Se olharmos a sabedoria do espelho com profundidade, vemos Dharmakaya, a natureza livre, ampla e consciente da mente.

Se nós olharmos a sétima consciência de forma mais profunda, vamos terminar encontrando a sabedoria da igualdade, como expliquei. Quando nós olhamos a sabedoria da igualdade de forma profunda, é muito interessante, porque aquilo que transforma as aparências variadas, porque os seres são variados, as confusões são variadas e aquilo que transforma as confusões variadas na confusão única, que vemos como que as coisas surgem ilusoriamente na mente dos seres, é que dá nome à sabedoria da igualdade. Quando olho profundamente a sabedoria da igualdade, vejo que a sabedoria da igualdade consegue acessar um ser, outro ser e outro ser, seres diferentes, é essencialmente a sabedoria que consegue ajudar os seres na sua especificidade, porque ainda que haja uma igualdade, os seres não veem isso. Estão presos na sua própria especificidade.

Os ensinamentos precisam alcançar os seres na especificidade deles. Assim, quando entendemos aquele ser na especificidade dele, geramos a sabedoria da igualdade que os ajuda a atingir a liberação, reconhecer o aspecto Dharmakaya. Vamos chamar isso de Sambogakaya. Essa sabedoria variada de Sambogakaya, especialmente no Vajrayana, vai começar com a aparência mesmo dos seres do jeito confuso que eles tiverem.

O ser na aparência confusa que ele tem é uma deidade, porque está brotando da natureza última. Brota como uma deidade. Se estou olhando dentro do Mahayana, não vou usar a noção de deidade. Vejo que aquele ser está se debatendo dentro de marcas mentais que confundem a ele mesmo. Vou encontrar um jeito lúcido de dissolver aquilo e revelar para o próprio ser e ajudá-lo a ultrapassar as limitações que ele está operando e a reconhecer o aspecto último. Essa sabedoria que faz isso é Sambogakaya. Mas se eu pensar: Sambogakaya é o que? Sambogakaya é Dharmakaya, porque é a natureza livre da mente, olhando os aspectos particulares. Mas como estou olhando os aspectos particulares, agora dissolvendo aquilo em Dharmakaya, chamo isso de Sambogakaya.

Na visão Vajrayana das deidades, vou considerar que todas as deidades são o próprio Buda Primordial. Dentro da noção de Sambogakaya, vou perceber que Sambogakaya pode se manifestar especialmente, sempre vai se manifestar através da sabedoria do espelho, sabedoria da igualdade, sabedoria discriminativa, sabedoria da causalidade, sabedoria de darmata. Vai se manifestar com essas cinco sabedorias. Essas cinco sabedorias são essencialmente a sabedoria do Buda Primordial.

Então, encontrei o segundo corpo da iluminação: Dharmakaya, Sambogakaya. Eles brotam da compreensão profunda da oitava e da sétima consciência. Estamos seguindo o Uttara Tantra Shastra. Essencialmente isso. A sexta consciência, que é a consciência mental, vai surgir como a sabedoria discriminativa.

*Como estou operando agora com Dharmakaya, Sambogakaya, a mente que está operando, ao olhar a multiplicidade das aparências, olha com a sabedoria lúcida. Essa é a sabedoria discriminativa que corresponde ao Buda Amithaba. Essa sabedoria discriminativa, na sequência, vai dar origem - tem a sabedoria do espelho, a sabedoria da igualdade, a sabedoria discriminativa - à sabedoria da causalidade.*

A sabedoria da causalidade o que é? Quando olho as coisas com olhos, ouvidos, nariz, língua e tato, tenho uma sensação de sequência do que deveria ser feito, como deveriam as coisas andarem. Então estou engajado no mundo das aparências e tem impulsos de ação e de movimento dentro disso, e isso produz uma aparente causalidade. Então, agora, vou aprofundar sobre essa aparente causalidade e vou reconhecer que tem uma liberdade natural. Desde a sabedoria do espelho, sabedoria da igualdade, sabedoria discriminativa, reconheço que não estou preso de fato e posso fazer movimentos que produzem resultados melhores dentro do mundo condicionado. Posso fazer movimentos que vão produzir problemas dentro do mundo condicionado.

Examino isso com cuidado e desenvolvo a habilidade da ação de poder, que é não se perturbar com as aparências, não ser arrastado pelas aparências, acalmar os seres que estão arrastados pelas aparências, ajudá-los a fazer ações melhores e a não fazer ações negativas e, enfim, reconhecer todos esses aspectos como inseparáveis das outras sabedorias anteriores. Essas quatro sabedorias terminam culminando na sabedoria de Dharmata. A sabedoria de Dharmata é essencialmente Dharmakaya.

Nessa visão, o Uttara Tantra Shastra de Maitreya, vai descrever o surgimento do Dharmakaya, a partir da oitava consciência; Sambogakaya, a partir da sétima consciência. Vai descrever o surgimento de Nirmanakaya. Olhem que lindo! É o corpo de manifestação. Os bodisatvas, andando em meio ao mundo, isso é o Nirmanakaya. Eles usam a mente lógica, se movimentam, têm olhos, ouvidos, nariz, língua e tato operando, mas eles estão operando a partir de Sambogakaya e Dharmakaya. São seres infiltrados.

Esse conjunto de ações de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato, junto com a consciência mental, surge como a ação do próprio Buda em meio ao mundo. Ainda que ele se movimenta em meio ao mundo, dentro desse modo, ele tem uma manifestação de corpo etc. está totalmente livre da manifestação de corpo e das manifestações que vai fazer em meio ao mundo.

**Essa compreensão vai filtrar** por dentro do Sutra do Diamante por inteiro, sendo que ele não vai explicar isso. Como já estudamos, fica mais fácil. Quando olhamos essas várias partes, elas deixam de ser partes difíceis de reconhecer, mas temos uma linguagem para isso. Os tibetanos vão focar esse fenômeno extraordinário que é o surgimento da mente lúcida que é capaz de ver isso tudo. Esse fenômeno da mente lúcida é inseparável de Dharmakaya. Está lá adiante. Estou lá olhando que

existe uma oitava consciência, que existe uma sétima, uma sexta. Isso tudo é a manifestação de rigpa. Desde um lugar livre, somos capazes de ver o que a nossa mente está fazendo. Isso é rigpa.

Essa capacidade rigpa vem inseparável da natural presença livre, dentro de um espaço luminoso. Tem o espaço luminoso naturalmente livre e uma autoconsciência que reconhece isso. Esse conjunto já é a descrição de Tathagatagarbha. Tathagatagarbha tem essa característica, está totalmente presente. Isso corresponde à terceira volta do Dharma, onde nós não nos limitamos à compreensão da vacuidade das aparências, mas nós reconhecemos o aspecto primordial incessantemente presente dentro disso. E reconhecemos que esse aspecto primordial não tem uma limitação e não está relacionado ao espaço. Por exemplo, espaço como a gente vê. Está em outras categorias que nós não conseguimos descrever. O fato de que isso não pode ser descrito, o mestre Hsuan Hua já passou, já descreveu esse aspecto.

Estamos dentro desse ambiente e aqui nós estamos olhando esse fenômeno extraordinário. Como é que nós vamos manifestar, por exemplo, compaixão na forma de generosidade, moralidade, paz, energia constante, concentração, sabedoria, que são os seis paramitas.

O objetivo do Sutra do Diamante é penetrar esses seis paramitas de um modo transcendente. Modo transcendente significa levar em conta esses aspectos todos que estamos vendo aqui.

A própria meditação, vamos reconhecer como uma ação da sexta consciência, mas é uma ação da sexta consciência que não está presa às marcas das oito consciências.

Em shamata, sentamos. Porque nós focamos algo de um certo tipo, então, as ações de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato, as ações de originação dependente a partir de olhos, ouvidos, nariz, língua, tato, param totalmente. Também a sétima e oitava consciência perdem o sentido. Essa sexta consciência está operando livre e atravessa as oito consciências e desenvolve a capacidade de olhar o que está acontecendo. Essa capacidade de olhar o que está acontecendo é uma capacidade natural da própria mente. Contemplamos isso e contemplamos como que essa capacidade ela mesma surge. Então estamos em meio a esse aspecto. Vamos percebendo que o raciocínio não tem importância. A visão de rigpa que é o ponto importante. A visão é uma visão direta. Vemos o que está acontecendo, como que essas consciências estão operando? Como é que a gente vê isso? Essa é uma boa pergunta. Como é que a gente vê? Mas a gente vê! Essa visão é que vai substituir totalmente as ações de raciocínio. Vai eliminar totalmente. A noção de que a gente precisa guardar conhecimentos vai ser eliminada também.

Isso tudo está dentro do Sutra do Diamante. Vamos olhar isso tudo e a noção que não há os seres. Vamos começar a encontrar palavras que estão nessas regiões. Essas palavras às vezes parecem que tem sentido, às vezes parecem que não tem. Por quê? Porque isso é um pouco confuso mesmo, ou melhor, é confuso para a linguagem. Queria ver o que o chatbot ia dizer quando dizemos: isso é, isso não é, isso é.

**Nós concluímos o capítulo três e entramos no capítulo quatro. Fiz essa breve introdução.**

O sutra diz: *“Ademais, Subhuti, quanto ao ato do oferecimento, um bodhisatva não deveria permanecer em lugar nenhum quando o realiza.”*

O que é esse lugar nenhum? Ele deveria estar dentro desse espaço infinito de Dharmakaya. Não deveria estar num lugar com marcas mentais. Se estiver em um lugar com marcas mentais, vai ter dificuldade. De fato, não vai poder fazer a ação de bodhisatva de uma forma perfeita, porque ele tendo marcas, vai fazer um tipo de ação, mas outro tipo já não faz. E as ações que faz, porque tem marcas, tem aspirações de um certo tipo. Ele faz a ação e depois, se irrita, se incomoda.

*“Ademais, Subhuti, quanto ao ato do oferecimento, um bodhisatva não deveria permanecer em lugar nenhum quando o realiza”.*

Ou seja, nenhuma marca mental.

*“Não deveria permanecer nas formas quando oferece, nem deveria permanecer nos sons, cheiros, sabores, objetos tangíveis ou construções mentais quando oferece”.*

Se nesse processo ele estiver preso a essas marcas, está dentro do Samsara.

Não há como ele produzir um benefício verdadeiro se estiver preso desse modo.

*“Subhuti, um bodhisatva deveria permanecer desse modo: ele não deveria permanecer nas marcas. E por quê? Se um bodhisatva não permanece nas marcas quando oferece, suas bênçãos e virtudes são imensuráveis”.*

Então, o Buda nunca vai explicar nesse sutra esse aspecto. Por quê? Porque se ele não permanecer, seus méritos e bênçãos são imensuráveis.

Vai ser sempre esse o argumento.

Aí ele começa a quantificar.

*“Subhuti, o que pensa? O espaço a leste é mensurável?”.*

*“Não, Honrado do Mundo”.*

Esse é um ponto interessante. Olhamos à leste. O espaço é imensurável. Na verdade, deveríamos examinar o que significa isso. Se nós olharmos, por exemplo, uma gravura, podemos ver o céu dentro da gravura e dizer que aquele céu é imensurável.

Temos essa noção como uma marca mental. Todos os seres têm espaços infinitos dentro. Quando olhamos o espaço, mesmo que seja um espaço que não entendemos, mesmo quando olhamos um desenho de céu dentro de uma gravura, aquele espaço do céu é infinito. Esse aspecto infinito para nós, acessamos uma região onde não tem marcas.

O infinito é um lugar sem marcas e ele é sem limite. A marca mental nossa, com respeito a esse infinito é algo desse tipo, ele não tem marcas e não tem limites. Estamos em uma mente ampla, vazia.

*“Subhuti, o que pensas? O espaço a leste é mensurável?”*

*“Não Honrado dos Mundo.”*

*“Subhuti, o espaço a sul, oeste, norte ou nas direções intermediárias, ou acima, ou abaixo é mensurável?”*

*“Não Honrado do Mundo”.*

*“Subhuti, as bênçãos e virtude de um bodisatva que não permanece nas marcas quando oferece são tão imensuráveis quanto.”*

Aqui, ele está dando, e poderíamos dizer: isso é uma iniciação, está dando uma transmissão. Aqui ele está dando a transmissão da ausência de marcas.

O espaço a leste não tem limite. E quando nós olhamos esse espaço a leste ou em qualquer das direções, acessamos a mente que não tem referenciais. Isso é a ausência de marcas.

*“Subhuti, as bênçãos e virtude de um Bodisatva que não permanece nas marcas quando oferece, são tão imensuráveis quanto. Subhuti, um Bodisatva deveria permanecer somente no que é ensinado deste modo”.*

E aí vem o comentário do mestre **Hsuan Hua**:

*Não permanecer em nada significa não ter apegos. A ausência de apego é a liberação. Portanto, ao não permanecer, estamos liberados e independentes e não estamos bloqueados ou obstruídos por nada.*

*Aqui ele deu o exemplo do espaço. Então, tomamos essa experiência do espaço e voltamos a olhar para isso. Nós olhamos esse espaço ilimitado. Vemos esse aspecto ilimitado como uma manifestação da nossa própria mente. É desse lugar muito amplo que voltamos a olhar as coisas e vemos o surgimento delas por limitações, mas nós nos mantemos ilimitados.*

*Ademais, um bodisatva não deveria permanecer em nenhum lugar quando ele pratica generosidade. Em outras palavras, ele não deveria ter apegos ao oferecer. Se for capaz de se libertar do apego, terá entendido que a substância das Três Rodas, compostas por:*

- 1) aquele que oferece*
- 2) aquele que recebe*
- 3) aquilo que é oferecido é vazia*

*As Três Rodas, são as três rodas do samsara. Tem um samsara daquele que oferece. A pessoa está presa à sensação de que ela está oferecendo. Está presa à roda do*

*samsara pela sensação de oferecer, mas a pessoa pode estar presa à roda do samsara pela sensação de que ela recebe. Ela pode estar presa à roda do samsara pela percepção do que é oferecido.*

*Aqui, a pessoa está livre das Três Rodas. Essas Três Rodas não significam que não há quem oferece, não há quem recebe e não há o que é oferecido. Mas esses vários aspectos: quem oferece, quem recebe e o que é oferecido, são iluminados no sentido que eles estão sendo vistos desde a natureza livre da mente. São vistos como manifestações diretas da natureza livre da mente.*

*Nesse sentido, não há nenhuma substancialidade, nenhuma realidade de fato. Há um aspecto luminoso que aparece como aquele que oferece. Um aspecto luminoso como aquele que recebe e um aspecto luminoso como aquilo que é oferecido.*

*Se o seu ato de oferecer carrega em seu pensamento: “eu pratico a generosidade e já fiz muitas ações meritórias e virtuosas”, ou se você tem consciência do recebedor ou dos bens oferecidos, isso significa que você não abandonou a marca de oferecer. Você deveria ofertar e permanecer como se não tivesse ofertado. Se, ao oferecer, você se apega às marcas dos seis objetos dos sentidos, formas, sons, cheiros, sabores, objetos tangíveis e construções mentais, seu mérito e virtudes são limitados”.*

*Se os méritos e virtudes são limitados, o sofrimento pode surgir. Oferecemos, mas estamos presos a isso. Temos uma sensação de que isso deveria resultar de algum modo. Aí nós vamos sofrer.*

*Se você se torna vítima do pensamento: “eu contribuí com um milhão de dólares para tal templo”, então, tudo o que você tem é um milhão de dólares. Quando o dinheiro acaba, seu mérito e virtude também acabam”.*

*Se você não tem apego à marca do oferecer, acumula mérito e virtude ilimitados mesmo quando oferece apenas um centavo. Se não é capaz de praticar o método adequado da generosidade, ainda que ofereça presentes ao longo de kalpas tão incontáveis quanto as partículas de pó, não terá alcançado nada. Terá sido como cozinhar areia para fazer arroz: não importa o quanto cozinhe, a areia nunca se torna arroz.*

*O Buda Sakyamuni usava a analogia do “espaço vazio das dez direções” para representar a extensão de mérito e virtude envolvidos no ato de oferecer em que não há apego à marca de oferecimento. Ele disse: “Subhuti, um bodisatva deveria permanecer naquilo que é ensinado desse modo”. Um bodisatva que já gerou a resolução de atingir Bodhi deveria refletir sobre o que foi ensinado deste modo e colocá-lo em prática por meio do cultivo.*

*Se você se lembra do que ofereceu, eu vou esquecer. Se você esquecer, eu vou manter em mente. É o mesmo com o Buda, que, conhecendo as mentes de todos os seres sencientes, está ciente de que você não se esqueceu do mérito e virtude dos seus atos de generosidade, e, portanto, ele considera desnecessário lembrá-lo disso. Quando você se esquece, o Buda se lembra. Você acha que é melhor para você ou para o Buda manter isso em mente?*

Aqui ele está trazendo essa analogia. Enfim, quando a gente se esquece, aí o Buda se dá conta: esse é um ser que realmente merece ser cuidado! Então, ele acha melhor que o Buda fique lembrando do que a gente se lembre disso.

*Você pensa: “Tenho medo de que, se eu esquecer, o Buda esquecerá também, e aí não terei absolutamente nenhum mérito”.*

*Então é mais ou menos assim. Esse é um ponto interessante. Por exemplo, se a pessoa faz ações positivas, **e pensa: vai botando aí no banco, abençoado, vai guardando aí! Vou fazendo ações positivas. Aí, quando estiver numa situação difícil digo: eu estou** usando meu crédito. Se fizermos ações desse modo, não vai dar certo.*

*Não importa se somos nós que estamos guardando na mente ou o Buda. Se tivermos qualquer expectativa de que as ações que estamos fazendo hoje vão gerar, enfim, alguma coisa, nós vamos ter problemas.*

Daí ele diz:

*Nunca tema.*

*Esse é o aspecto principal. Nunca tema significa o que? A natureza primordial não pode ser atingida.*

*Se nós, por exemplo, fazemos ações e queremos guardar lembranças das ações positivas, ou pedir para o Buda guardar ou para Deus guardar isso e depois lembrar na hora que eu precisar, significa que penso que vou precisar, que posso precisar. Isso significa que nós estamos presos a uma identidade, mas essa identidade nós estamos buscando a extinção dela e não a preservação dela.*

*O que nós podemos aspirar é que nos mantenhamos constantemente no âmbito da lucidez. Isso é o que vai produzir esse destemor.*

*Então, ele diz: Nunca tema. Se você se esquecer de seus atos de generosidade, o Buda se lembrará deles eternamente.*

*E a lembrança do Buda é assim: a benção do Buda vem na forma da liberação com relação às aparências.*

Como é dito posteriormente no Sutra Vajra: “Todos os diversos pensamentos que ocorrem a todos os seres sencientes são completamente conhecidos pelo Tathagata”. Quando você faz coisas boas, você se lembra delas, mas quando faz coisas ruins, será que também acalenta essas memórias? Não, você tenta se esquecer das faltas imediatamente, enquanto afetosamente guarda as lembranças das coisas boas que fez. Você deveria se esquecer das boas e lembrar das ruins? Por que se lembrar das ruins? Para que não as cometa novamente. Por que esquecer das boas? Para que sinta que precisa fazer mais.

Para aqueles que estudam o Buddhadharma, todo aniversário de um Buda ou de um bodisatva, data em que abandonou a casa, data da iluminação ou do nirvana são ocasiões excelentes para se fazer oferendas às Três Joias, pois as virtudes meritórias resultantes se multiplicam milhares de vezes. No aniversário do Buda

Amithaba, foi realizado uma cerimônia para abrir a luz na imagem do Buda Amithaba.

O verso composto para a ocasião dizia:

Amithaba significa luz infinita.

Hoje nós abrimos a luz, a luz infinita.

A luz infinita ilumina infinitas terras.

Todos os seres sencientes são ilimitadamente iluminados.

Quando oferecemos às Três Joias em um dia especial, na Terra Eterna, Luminosa e Parada, o Buda Amithaba sabe que um discípulo bom e dotado de fé fez oferendas, e o doador recebe milhões de vezes mais o mérito e virtude normais por esses presentes tão oportunos. Aqueles que têm dinheiro, podem oferecer dinheiro, os que têm força podem oferecer força. Mas não deveríamos pensar sobre isso. Essa é a generosidade genuína.

---X---